Ano 30.º Sábado, 27 de Fevereiro de 1937 N.º 1463

O DEMOCRATA (AVEÇNADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3 - AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

O DEMOCRATA, interpretando o reconhecimento dos habitantes da cidade e seu concelho em presença da obra camarária levada a efeito durante os últimos 19 anos de presidência do ilustre aveirense, dr. Lourenço Simões Peixinho, rende-lhe a sua homenagem — tão importante considera essa obra e tal o vulto que ela tomou, impondo-se à admiração e à gratidão de todos.

JOÃO JOSÉ TRINDADE
Vereador

FRANCISCO DA SILVA ROCHA
Vereador vice-presidente

DR. LOURENÇO SIMÕES PEIXINHO
Presidente da Câmara de Aveiro

RICARDO PEREIRA CAMPOS
Vereador

AMÉRICO TEIXEIRA
Vereador

CARLOS ALELUIA
Vereador

EGAS DA SILVA SALGUEIRO
Vereador

Paisagens e costumes de Portugal

AVEIRO! Logo o nome da cidade é lindo:— murmúrio de águas em espraiar ondeante, pizzicatos de ave que se desgarra... Só um poeta, em hora de inspiração inegualável, o encontraria, assim garrulo e alado, para baptisar o mais gracioso retalho do litoral lusíada. Irá bater as asas? Irá levantar vôo?

Verso branco da paisagem, onde a água e a luz, em conubio amoroso, criam a expressão soberana do ritmo — Aveiro incluir-se-ia no «Baedeker» do «touriste», se a sua beleza não fôsse daquelas que só às sensibilidades superiores é dado captar.

No céu azul de faiança parece sorrir Itália; na translucidez das suas águas se gostaria de contemplar a Suissa, verde e forte; na fluida graça das suas mulheres, corpos eruscos, feitos de sol e vaga, se exaltaria a arte da Grécia antiga.

A-pesar-de tudo o que há de napolitano nos seus céus; de helvético nas suas águas e de atheniense nas suas mulheres, em Aveiro é Portugal que está vivo, palpitante, com corpo e alma presentes. Paisagem de maravilhas, em que desabrocha a frescura louçã e a graça viva dos nenufares, nos seus costumes tão pitorescos, nos seus usos tão sugestivos — equivale a uma síntese. A terra verde e a água azul, a enxada e o barco, a arvore que se revê no rio, a montanha que espreita o mar, o carro de bois que se faz saveiro, o homem que das terras onde ára e semeia sente chama-lo o aceno tentador das ondas e lavra e pesca ao mesmo tempo — condensam tôda a psicologia e alma de uma Raça.

A foz do Vouga, só muito de leve, muito de longe é conhecida. Quási tôda a gente passa lá arriba, nas asas de fogo dos comboios rápidos. Vem das praias ou vai para as praias. Abraça à distância, numa perspectiva rápida, quási cenográfica, o conjunto alacre, mas longínquo da urbe garrida: — o «pêlemêle» do casaredo, pintalgado, chromo; chanfraduras de ruélas; retalhos de céu; ourelas azuis de água. Impõe-se ao peregrino a ilusão de ficar a conhecer familiarmente Aveiro. Puro engano! Aveiro, para se conhecer bem, exige largo e veemente contacto, qual mulher caprichosa que só na intimidade nos desvenda os grandes segrêdos do coração apaixonado e as graças irreveladas do corpo esquivo. E' descendo das altas serras pela escada gigantesca e suave dos montes que nos apossaremos do seu cenário encantante. Basta seguir, sem mais fadiga, o deslisar espelhento do Vouga — desejoso, êsse, de nos guiar, através da paisagem idílica e magestosa de onde provem, para a festa alegre das suas bodas com a Ria.

A quem soletre o perfácio maravilhoso que se estende do vale virgiliano de S. Pedro do Sul à larga faixa aquática, picada de velazinhas latinas, em que, já na vizinhança e na perspectiva interminal do mar, o olhar repousa, Aveiro revela-se em todo o esplendor da sua formosura e sortilegio.

Para quem chega do Norte, de ao pé do Oceano côr de cinza, de além dos pinheiros bisonhos ou de tapete fulvo das dunas; para quem chega do Sul, dos montes agressivos e hostis ou das campinas monotonas — o imprevisto do litoral verde e macio, tecido de pelucia e prata, maravilha, numa surpresa doce, os olhos de quem vem, os olhos de quem vai.

Na planicie, ensopada de águas, a verdura clara, a verdura alegre, irrompe, alastra, enovela-se, floresce na ebriedade de um clima excepcional. Há uma sensibilidade estranha, uma perfeita excitação de riso em tôda essa terra môça, listada de águas brancas que rutilam ao sol, lucilantes, nervosas, tremulando lumes sob os verdes humidos.

Montanhas hieraticas recortam na seda do céu a sua volumosa anatomia de fórmas; suspendem-se do azul, num vago ar de extase; perdem a austeridade dos seus perfis angulosos e duros, ante a espiritualisação da claridade intensa que as penetra e transfigura. Ora são ondulações de fumo, chamando a graça da terra; ora acenos de carícia que parecem colar-se azas, sugestionando-as para um grande vôo...

A planicie é mais forte que a sedução longinqua da altitude. Presente outro mistério, no recorte em alfange do horizonte, e para êle se encaminha, numa submissão humilhada em que se exaltam tôdas as suas belezas femininas. Para além do amarelo intenso dos areais e das escuras manchas de pinheiros, o mar desenha a sua adaga faiscante de ouro.

Extravasa, em tropel, pelos campos porosos, a varonilidade forte dos milheirais; filas de salgueiros quadriculam, aqui e além, retalhos harmoniosos de terreno, como amostras de sêda lustrosa; as leivas, abeberadas de humus, possuem-se de uma sêde que não cansa; moinhos abrem as velas, quais braços crucificados, com fremitos de asas em paisagens celestes. O Vouga espreguiça o seu corpo indolente num brando espraiar de águas, refletindo os gestos inconscientes do arvoredo que o acarinha; oferece, de quando em vez, a nota curiosa dos «saveiros», cisnes irreais que boiam eternamente, em perpetuo castigo...

A maior graça, a maior beleza, a alma sensível da paisagem, está cativa aqui do encantamento da água mansa e serena, água filha da terra, que é a água transparente e levesinha da ria dôce.

Ausente dela, Aveiro seria uma cidadesinha recatada e banal, frágil de ineditismo, despida da sensação forte que habitualmente exigimos das terras que conhecemos. Longe de a abandonar, a água envolve-lhe o corpo, atravessa-lhe a epiderme, cinge-lhe o colo, como se fôsse o próprio sangue que a anima e aquece. Extende, através dela, os braços sofregos dos canais; — o das Piramides, o de S. Roque, o dos Mercanteis; à volta dêles a cidade debruça-se, revê-se, aclara-se e canta, despersonalisando-se, como se anseiasse seguir rumo pró-largo, no deslise lento dos barcos moliceiros, que partem, todos bariolados de côres vivas.

As prôas de três barcos moliceiros

O condenavel sestro de buscar para os pormenores mais intimos da nossa paisagem um paralelo da estranja, faz-nos esquecer que ela se caracterisa, entre tôdas, pela sua marcada individualidade. Chamam a Aveiro a *Veneza de Portugal* só porque nela se enredam sinuosidades sugestivas de canais. Nada mais falso. Veneza é uma cidade esplendorosa, onde a sugestão aquática diminue perante a sugestão dominadora de outras maravilhas que empolgam: — palácios de expressão majestatica e imprevista, colunatas e arcadas, tôda a monumentalidade de uma arquitectura ao mesmo tempo audaciosa e alada. O olhar não sofre ali a obsessão única da água. Dispersa-se em torno, em tudo quanto o engenho do homem criou de belo à sua roda. Verdadeira cidade-museu, em que os detalhes se harmonisam, em que os detalhes se suicidam, desindividualisados, no plano dos conjuntos, sem que um, mais do que outro, fira a sensibilidade visual de quem os fixa e a chame e domine, e escravise, e atraia.

Em Aveiro, pelo contrário, só a água gosa atributos de realeza. Tudo lhe pertence. Do contraste flagrante da quási vulgaridade arquitectónica que a humilha e da pacata fisionomia das suas praças e ruas tipicamente provincianas, com a epopéa polychroma que as águas recitam, nasce a soberana feição do seu encanto. A sua beleza, tôda subjectiva e esparsa, não se define ao olhar trivial; só a alma a enxerga e apreende. Esponsalicio enleio de águas estaticas e de águas inquietas — o rio e o mar que se aproximam — Aveiro dá-nos asas ao sonho, certa pureza pascal que santifica.

Erguendo-se com a elasticidade nervosa de saltos de criança sôbre o labirinto dos canais, as pontes rendilham, aqui, além, caprichosamente, o monotono urbanismo em que se emolduram. Pisá-las, é fugir ao contacto das materealidades quotidianas, acompanhar a lírica melopeia de uma quimera, que se traduz, lá longe, em fórmas pletoricas.

Realmente, é para lá da cidade, para a apoteose luminosa da ria, que a ânsia de topar a Maravilha, nos encaminha e chama.

Admirável sinfonia cromática, verde, azul, ouro e branco, tons de terra e tons de altar, as águas de Aveiro, alma liquida da cidade em que a cidade se espiritualisa e revê, vibram como cordas de viola, entre a romaria de côres claras, a rirem, que a paisagem faz à sua volta.

Poêma aquático em que as rimas são feitas de arco-íris voluvel de todos os tons marinhos, desde os caminhos verdoengos das águas em repouso até aos mil reflexos surpreendentes das águas em bulicio, esta pequena cidadesinha do litoral, picante e airosa, brota da terra com a espontaneidade de uma flôr em primaveril renque de folhagem. Tudo canta nela as graças de uma clara e perene juventude: — o verde tenro das árvores, cujas seivas ganham na frescura do solo a energia criadora de tôdas as florações caprichosas; a vibratilidade oftalmica da luz, esbatida no cristal translúcido da ria; a própria atmosfera que se adelgaça na fluidez dos horisontes largos.

A água é aqui o elemento dominante, quási absorvente, da paisagem. Para qualquer direcção que o olhar se volte, é sempre agua que ele encontra e quanta mais encontra mais procura. Nas veias glaucas dos canais que se cruzam e abraçam e enredam, entre a verdura vitoriosa, na cantante aguarela panoramica em que Aveiro se emoldura, a agua adquire côres, vibrações, almas diferentes das de outras paragens e climas. Em sua volubilidade e garridice, ela é profundamente feminina: — estendal estilhaçado de pedrarias, longa fita de torçal de prata fosca, retalhos transparentes de gaze de Dekan, mosaico de ouro vivo em que o sol se revê ciumento, parque ideal em que florescera as corolas puríssimas dos nenufares, como nevadas planicies slavas.

A certas horas, a água transmite, na largueza cenográfica da ria, uma mágica hipnose de azul. Azul de tôdas as variantes, desde o azul que cega ao azul que faz sonhar: — leito químérico de safíras em quietude ascetica, sébe diafana de hidrangeas de um brando azul místico como os céus de maio, cismas de nuvens em azul diluido, turquesa, azul ferrête, azul cobalto, azul siderio, azul egípcio, azul violêta, azul-azul!

Por vezes, tôdas as côres se fundem na sua superfície dormente de lago; côres húmidas, feitas da própria vaporisação incorporea da água: — a palidez lactescente das opalas, a quási exangue ruborisação dos nacares, a alvura virginal dos jaspes, o esplendor ardente dos cinabres, a claridade lunar das perolas adolescencias de joalheria fantástica a cujo reverbero córa e desmaia a incandescente fulguração solar.

A luz difere ali, como em tôda a parte, consoante as horas do dia, de estados de alma. Pela manhã, tem o perfume subtil de um lírio a abrir. E' a hora extatica, a horas pubere das tonalidades indefinidas. A nevoa ascende da escura órbita dos canais; acolhe em carícias tôda a virilidade alegre dos corpos verdes. Na teoria impalpavel da bruma esgarça-se e morre tôda a sugestão prosaica da terra. Revive-se o mistério denso da nebulosa. Hálitos frios fransem a nudez vegetal das tarmagueiras e dos juncais. Só as salinas resplandecem em alvuras etereas, como noivas, vestidas de branco, a sonhar...

Depois, o dia aumenta; a luz transforma-se numa gloriosa flamula de côr. Cinzela-se de ouro a água, desafiando, em velúpias maternas, a fecundidade sagrada da terra fertil.

A noite vem. Ouve-se cantar uma única voz — a voz do silêncio. Vislumbra-se uma única luz — a luz do céu endoidado de astros. Fundem-se na opacacidade cinzenta da água as cabecitas de prata das estrelas. A penumbra regressa — dona e senhora de todos os recantos, absorvente, insinuante como um perfume indiscreto.

Em lugar algum, como em Aveiro, a luz e a água se estimam, cobiçam e possuem num casamento feliz. Não chega nunca a saber-se se a luz nasce d'água, ou se a água é a própria luz, joeirada no infinito éter como miraculosa chuva de perolas líquidas a cujo reflexo as mais suaves tonalidades resplandecem. Não chega nunca a saber-se se a água busca na luz o segrêdo do seu colorário singular, ou se a luz estranha na água a fluidez das suas tintas inesgotáveis: — universal paleta em que se combinam os amarelos de gema e os verdes gaios, os ócres de ouro e os alaranjados de espinela, os cinzentos metálicos e os rôxos liturgicos, palores da aurora e evanescencias de crepusculo, tôda a estranha gama das côres que são, apenas, a sombra, o deliquo, o ciclo de outras côres.

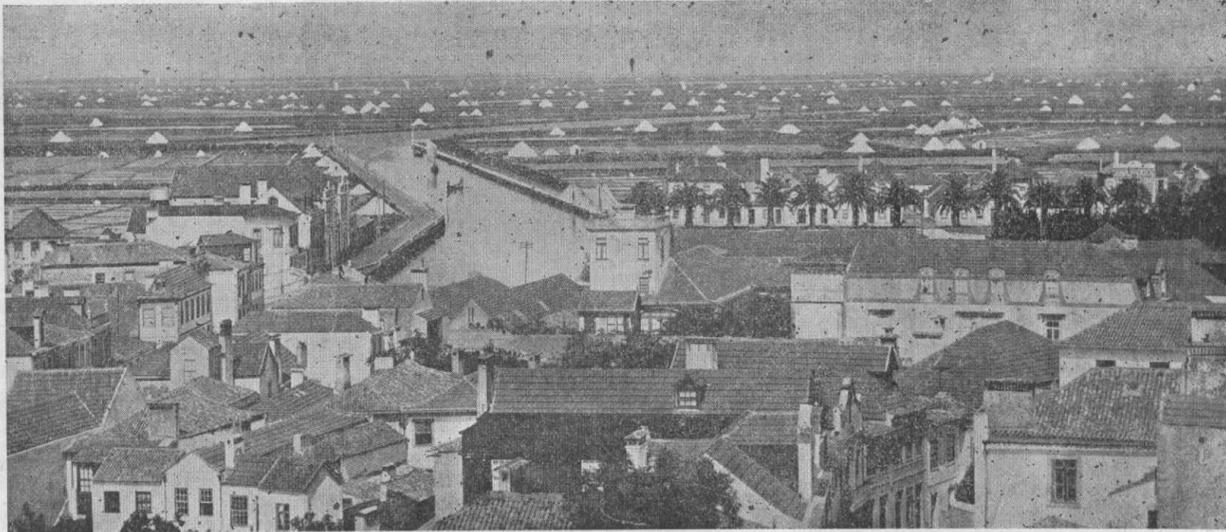
A água ou a luz, transfiguram violentamente o poder normal das pupilas em extase. Neblina de lágrimas que não foram choradas, flamar de lumes que não arderam — elas jorram dentro de nós a beleza transfigurada, alumiam e inundam. Nas veias, ao seu fluxo, o sangue esvai-se: — é a água que anima a humidade trepidante das artérias. Se uma onda rítima a nossa sensibilidade visual, o coração, êsse, enamorado da luz, a luz aspira, da luz se alimenta.

Um banho purificador adelgaça os sentidos.

Tudo se impregna de levesa e frescura.

Brota das coisas uma suavidade de epitalamio.

O ar é molhado. Na planície das sensações reconditas, cheias de imprecisão, canais inéditos desaguam no subconsciente do homem tôda a subjectividade intima e espiritual da paisagem. O próprio som se dilue. Todo o grito, embora vigoroso e sonoro, esmorece, quebra, esvai-se, envergonhado da fanfarra policroma da luz, na imobilidade cerulea e argentea da água.

De Claudio e António Correia de Oliveira Guimarães.

AVEIRO—Uma parte da laguna com os seus montes de sal

"O DEMOCRATA„ conta no número dos seus assinantes de Aveiro 20 doutores e, além dêsses, muitos negociantes, industriais, professores, oficiais do Exército, empregados públicos, operários — a cidade em péso.

(De uma acta da Comissão Executiva da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro)

ONTEM E HOJE

Por Aveiro — Pelas instituïções republicanas — Pelos interêsses da região

Então há já 30 anos?

Evidentemente, não. Mas vamos enceta-los, vamos principiar a conta-los desta data em diante.

Trinta anos!

Foi há trinta anos que, depois de termos reunido 50 mil reis arrancados à algibeira de dez correligionários, todos filiados no Partido Republicano, êste jornal saíu para a propaganda, enfileirando, desde logo, na linha dos combatentes ousados, destemidos e—porque não dize-lo abertamente?—audaciosos.

Sim. *O Democrata* apareceu e, a-pesar-de nêste pequeno meio já existirem uns doze semanários em volta dos quais girava a política de Aveiro, de tal modo se soube impor e conduzir que ainda hoje se mantem, não obstante a guerra acintosa contra êle movida e os processos nada honrosos de que se teem servido para o aniqüilarem.

É que *O Democrata*, talvez devido ao temperamento de quem o dirige e orienta e ao desejo de bem servir, nunca hesitou, desde a primeira hora, em imprimir a tôda a matéria nêle inserta clarêsa, desassombro, lealdade. E isso, se, por um lado, lhe tem trazido simpatias, também lhe tem acarretado, como a nenhum outro jornal do país, o ódio dos visados quando apresenta alguém a julgamento perante o tribunal da opinião pública. Porque, segundo o ditado—*nem tôdas as verdades se dizem*...

Ainda nos lembra que o primeiro conflito que tivemos foi logo após a proclamação da Rèpública. E porquê? Por não sancionarmos a nomeação de determinado indivíduo para comissário de polícia de Aveiro. Entendíamos nós, e ainda não nos convencemos do contrário, que, se são os homens que fazem os regimens, na escôlha dêles, para certos lugares, deve existir o máximo escrúpulo, não os entregando senão a quem reüna os requisitos indispensáveis para os desempenhar com dignidade, aprumo moral, inteligência e são critério. O facto, a circunstância de se tratar dum republicano antigo fôra evocado. Mas nem assim conseguiram demover-nos, obtendo a nossa condescendência. Houve, então, uma cêna violenta. Estremaram-se campos. Definiram-se atitudes. E ao cabo de tudo resultou a declaração formal, peremtória, feita nestas colunas: o *Democrata* não consentirá sem o seu veemente protesto que na Rèpública se adoptem os mesmos processos que vinham a ser usados pelo regimen deposto.

Como temos cumprido, a colecção dêste jornal o diz. A luta, por isso, tem sido constante, tenaz, quási sem tréguas, contra tudo que represente menospreso pela honra nacional e contra todos que ou concorrem para o desprestígio das instituïções ou se afastam da linha do dever, cometendo e sancionando irregularidades.

Um balanço da nossa agitada vida durante os anos já decorridos em que se mencionasse o número de pugilatos, as querelas que nos teem sido movidas, os assaltos à propriedade, as *boycotages* e as suspensões forçadas, embora curtas, não deixaria de ser interessante. Mas ainda é cêdo devido às contas com a Justiça não estarem completamente liquidadas. Lá iremos, porém, no momento oportuno. No entretanto uma coisa desejâmos acentuar de novo: é a resistência de que temos dado provas e que equivale ao mais completo triunfo alcançado por um jornal que apenas vive dos seus próprios recursos. Mas que admira se nunca nos faltou a simpatia do público cujos interêsses advogâmos sem reservas, estando sempre a seu lado quando lhe é devida justiça? E Aveiro não terá tido, igualmente, no *Democrata* um porta-voz das suas reivindicações e um dedicado defensor das suas regalias?

No fim de 29 anos de trabalho, por vezes espinhoso, aqui e ali salpicados de contrariedades, de embaraços, de incertezas e de ingratidões deixem-nos ter êste desabafo—como é consolador enfrentar os inimigos e, depois de tão longa caminhada, sorrir da sua insignificância!

Isto, apenas. Por não se albergar em nós nenhum daquêles sentimentos ruins que vimos manifestarem-se à nossa volta e explodir sem qualquer assômo de nobrêsa

PÁTRIA AMADA

Os portuguêses de S. Paulo

manifestam, numa mensagem, a sua grande simpatia por Salazar

Por um compatriota nosso, recentemente chegado dos E. U. do Brasil, foi a semana passada entregue ao sr. Presidente do Conselho a seguinte mensagem assinada por toda a gente lusa que tem residência no Estado de S. Paulo:

Ex.mo Sr. Dr. António de Oliveira Salazar, ilustre Presidente do Conselho de Ministros de Portugal:

Os portuguêses de S. Paulo, homens de todas as crenças e de todos os partidos, que um mesmo sentimento irmana e confunde no culto da terra onde nasceram, prestam-vos a homenagem do seu respeito e da sua admiração.

Homens de trabalho, mourejando a vida entre o amor de Portugal e o amor do Brasil, interessam-nos os vossos princípios políticos, por que com êles soubestes firmar e engrandecer a Pátria.

A distância a que vivemos dilue os personalismos, esfuma os partidos. Para nós sois um homem providencial, que com uma vontade forte, uma consciência alta, uma visão segura, fizestes da política e da administração a magistratura da Verdade, identificando o ponto de honra com a moral governativa.

Devemos à vossa firmesa — numa Europa deliqüescente e sem execrância, num mundo contraditório à sobranceira nitidês dos vossos desígnios, frente a uma política de vacilações e de cálculos — dias inolvidáveis de dignificação e de orgulho.

Só quem vive longe da Pátria conhece o sabor dessas horas.

Não nos deslumbramos com visões de poder militar nem sonhamos com ambiciosos imperialismos. Sabemos o que somos e o que podemos ser na comunidade dos povos.

Queremos apenas dizer-vos que canta nos nossos ouvidos a altiva dignidade com que falastes a estranhos e que os nossos olhos de ausentes se enamoram do perfil moral com que impuzestes a Pátria ao respeito das nações.

Na imagem que todos trazemos no coração, joia que é o maior patrimônio da nossa raça, lavrastes, senhor Presidente do Conselho de Ministros, como um ourives de gènio, novos e imortais lavores».

«O Democrata» conta no número dos seus assinantes tudo quanto há em Aveiro de mais preponderante, de mais influência. Quer dizer—a cidade inteira.

(De uma acta da Comissão Executiva da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro)

Conselhos Municipais

—o—

De harmonia com as disposições do novo Código Administrativo, começaram a ser nomeados pelo sr. Ministro do Interior os Conselhos Municipais dos distritos, ficando o de Aveiro assim constituído:

Presidente — Dr. Lourenço Simões Peixinho.

Vogais— Manuel Vicente Ferreira, Francisco António de Pinho, António Ferreira, José Simões de Miranda, dr. Francisco António Soares, dr. Jaime Duarte Silva, dr. Alberto Souto, António Ferreira da Silva, Jaime G. Andias, dr. José de Azevedo, padre António Vieira, Alfredo Estêves, Augusto Carvalho dos Reis, dr. Artur Cunha e António Barreto Sachetti.

Tomates do Funchal

—o—

A Câmara de Lisboa, na sua sessão da semana passada, resolveu facilitar a entrada, na capital, de tomates da Ilha da Madeira, reduzindo as respectivas taxas—informaram alguns diários.

Decerto é porque há falta dêles.

Que pena não se ter intensificado a cultura dos que o ex-imperador da Barra mandou plantar e chegou a expôr, elogiando-lhe a qualidade!

Tinham agora colocação. E era a prova provada de que as profecias do... Bandarra saem sempre exactas.

Ou êle não seja a mais privilegiada inteligência do Universo!...

Este número foi visado pela Censura

TEATRO REGIONAL

A revista-fantasia «Ao cantar do Galo»

representada pelos amadores e tricanas do «Grupo Cénico do Club dos Galitos», de Aveiro, é uma feliz demonstração de Arte e da riqueza do folclore da magnífica região aveirense

Transcrevemos do diario lisbonense *Republica*, de segunda-feira:

Uma recente visita a Aveiro deu-nos o agradável ensejo de assistirmos à representação de uma revista-fantasia em dois actos e treze quadros, escrita, musicada, pintada, encenada e representada exclusivamente por elementos de Aveiro, pertencentes ao «Grupo Cénico do Club dos Galitos», de Aveiro, notável agremiação aveirense, que possui uma das mais ricas instalações que nos têm sido dado observar em clubes provincianos e cuja obra social e educativa merece ser revelada com merecido destaque.

Chama-se a revista, que se representava pela 13.ª vez, agora em benefício das famílias pobres de Aveiro, vítimas das ultimas inundações, *Ao cantar do Galo*, e dela se pode dizer com inteira justiça que constituiu para nós um agradável espectáculo. Tão agradável, que não sabiamos possuir Aveiro elementos de tanto valor e conhecimentos técnicos de teatro.

Abstraindo da crítica local os hábitos e costumes que nos são desconhecidos, temos de confessar que há na peça do sr. José Meireles, que assim se chama o autor de *Ao cantar do Galo*, farta matéria para provocar inveja tanto a certos autores como a alguns maestros de Lisboa, quási sempre em busca de coisas novas... pertencentes a outros...

Malmequeres, Montes de sal, Especialidades da região, Espumante, e Regresso ao lar—apoteose do 2.º acto—são, por exemplo, quadros ricos de fantasia e indesmentível valor folclorico, que nos cumpre assinalar com aplausos. Números excelentes que fariam êxito em Lisboa são *As camarinhas, As salineiras, Os Esterqueiros, Ovos moles, As leiteiras, Os maxilhões, C'rôa ó graxa*, etc.

A música, tôda ela, do princípio ao fim, é excelente e garantiria em Lisboa o êxito de uma peça. São seus autores os srs. Leonildo Rosa, Alexandre Prazeres, Nóbrega e Sousa, Nuno Meireles, António Lé, Manuel Martins, Armando Silva e Luiz Rodrigues. Se nos fôsse permitido destacar algum falariamos em Nóbrega e Sousa, artista de refinada sensibilidade e rica inspiração.

Pena é que a orquestração de tão linda partitura nem sempre seja feliz. A direcção musical deu-nos a impressão de frouxa e necessitar um pouco mais de nervo. Os córos são perfeitíssimos e muito superiores, mas muito, a muita coisa que temos visto por cá.

Os cenários todos agradáveis e a denotarem o bom sentido cenográfico dos seus autores, todos também de Aveiro.

O encenador, sr. António Flamengo, é um elemento de grande valor. Merecia um monumento pelo esfôrço prodigioso que realizou, pondo de pé um espectáculo musicado, representado exclusivamente por amadores, que demora a representar três horas! Algumas das suas marcações são felicíssimas e há que notar que as coristas, como as actrizes, são, à excepção de uma ou duas, tricaninhas que ganham honradamente o duro pão de cada dia e roubaram ao seu descanso as horas do ensaio.

Quanto ao desempenho, êle é agradável de uma maneira geral, se levarmos em conta que de amadores se trata.

Entre todos eles, sobressai nitidamente a sr.ª D. O quídia Flores —bonita trilogia!—actriz pela intuição e pelo talento, que teria um lugar no teatro profissional, se quisesse—e achamos bem que não queira. Comunica à vontade com o público, tem boa expressão histriónica e inflexiona muitíssimo bem. Uma actriz feita.

Muito gentis e galantes todas, e algumas acusando bem sentido para a difícil arte de representar, as sr.as D. Lourdes Teles, Maria Augusta Amaral, Carolina Lemos, Maria Apresentação Lima, Maria José Conceiro, Antónia do Vale, Maria Morais Gamelas, Maria Avia Ferreira, Deolinda Borrêgo, Salomé Borrêgo e Estefânia Pires constituem o famoso elenco feminino desta simpática companhia teatral.

Notemos ainda dois cómicos de boa marca, que julgamos serem os srs. Agnelo Coelho e Firmino Costa, e uma notável disciplina em todos os amadores, que são, além dos já mencionados, os srs. José Duarte Vieira, muito há vontade em cêna, Mário Teles, Sebastião Amaral, Nuno Meireles, Francisco de Oliveira, José Maria Rodrigues, Leonel da Silva, João Moreira e António Flamengo.

Expurgada a peça da crítica local, tirando um ou outro número menos feliz, escrevendo-lhe um novo poema; imprimindo um maior dinamismo à orquestra e renovando duas ou três cênas de cenografia, já demasiadamente usadas, esta companhia de amadores podia apresentar-se em Lisboa, que seria bem recebida.

E porque a afinação e a disciplina dos coros nos surpreendeu tão agradávelmente que não vemos na capital coisa parecida, aqui escrevemos os nomes de todos os componentes do corpo coral, como testemunho de muita admiração.

São esses elementos as sr.as D. Amélia Nogueira, Maria do Amparo Matos, Aurea Ferreira, Enoi Sarrazola, Carolina Velhinho, Élia R. Silva, Amélia Albuquerque, Felismina Carvalho, Sofia Costa, Olívia Lemos, Rosa F. Vale, Aidé Pires, Laura Albuquerque, Alice Picado e Conceição Moreira, e os srs. Anibal Ramos, Florentino N. Maia, Jaime Simões, José Laranjeira, José Gouveia, José Casimiro, Amilcar Lourenço, Aurélio Campos, Carlos Rodrigues, Baldomero Coelho e Carlos Gamelas.

Quanto ao *Club dos Galitos* a nossa maior homenagem. Numa terra pequena, como Aveiro, é consolador registar a obra desta agremiação, apresentando-nos um excelente conjunto teatral que nos oferece um espectáculo lavado, higiénico, rico como demonstração folclórica da linda região e sem àquela «gaucherie» equívoca e tantas vezes grosseira onde se submerge o lamentável teatro chamado ligeiro dado às gentes civilizadas da capital...

—*A. I.*

AVEIRO — Edifício dos Paços do Concelho construido em 1797

Coisas e tal...

Interessou bastante uma grande parte dos aveirenses a ideia da creação de uma estação emissora nesta cidade! Temos, por isso, recebido entusiásticas manifestações de aplauso e incitamento para que se não deixe perder o ensejo e de aí o voltarmos ao assunto para encorajar quem a tal iniciativa tenta dar corpo, dotando Aveiro com uma estação rádiotelefónica que demonstre o desejo de acompanharmos a civilização como o mais maravilhoso e eficaz meio de propaganda regional.

Informam-nos que fôram iniciadas consultas particulares perante as entidades superiores àcêrca da licença necessária, que, segundo nos dizem, é a dificuldade máxima a vencer.

É evidente que essa dificuldade deverá ser vencida, pois não vemos que obstáculos possam justificar a não cedência da autorisação. Enfim: é preciso aguardar os resultados dos bons esforços de quem se empenha por tão alto melhoramento para, seguidamente, poderem dar impulso aos trabalhos. Trata-se da instalação de uma emissora de onda média pois que só assim poderá interessar tôda a gente. E tôda a gente se interessará, decerto, não deixando que, por falta de recursos financeiros, se não possa executar o plano e mantê-lo.

Qual é o aveirense que recuse, dentro das suas possibilidades, o seu auxílio?

E os aveirenses residentes por êsse País fóra não terão grande prazer em ouvir todos os dias as notícias da sua terra? E êsse prazer não justifica o pequeno auxílio que, quando fôr necessário e oportuno, se lhes pedirá? Cremos bem que sim, e os animadores desta tão importante realisação com isso esperam e contam.

O mal, quando é mal, dividido por muitos torna-se mais suave.

O bem, quando é bem, aumenta e melhora ainda mais, com a contribuïção de muitos. Assim se espera aconteça visto que o movimento de simpatia e aplauso foi expontâneo.

Vão em breve apresentar oficialmente a petição à Administração Geral dos Correios e Telégrafos.

Tenhâmos esperança no espírito de justiça que a êstes serviços do Estado sempre tem presidido. Após o deferimento, que esperâmos seja dado, voltaremos, então, mais uma vez ao assunto, pondo os nossos leitores a par de todos os trabalhos que se fôrem executando e lhes possa interessar.

Por Aveiro e pela sua expansão Comercial, Industrial e Turística!

Ac.

AGRADECENDO

O Democrata cumpre o dever de exarar o seu reconhecimento aos distintos fotógrafos Henrique Ramos, João Ramos e Manuel Abreu, os dois primeiros nossos conterrâneos, pelo concurso que dispensaram à parte ilustrada dêste número com a oferta das magníficas provas espalhadas pelas suas páginas e também a Gervásio Aleluia de quem recebemos o mais entusiástico incentivo, animando nos e acompanhando desde a primeira hora os trabalhos de organização, de que foi excelente auxiliar, magnífico colaborador. Com amigos destes, com dedicações assim, faz gôsto viver. Aqui fica, para todos, pois, o reconhecimento que lhes estâmos agradecendo.

Efemérides

27 de Fevereiro

1848—Uma reünião de publicistas originou a revolução federal da Alemanha.

1911—Briand demite-se do govêrno francês, o que dá lugar a certa efervescência política.

OS PASSOS

—x—

Efectuaram-se as duas procissões anunciadas com o cerimonial do costume. A da freguesia da Glória percorreu o itenerário sôb uma chuva miúdinha, que engrossou ao recolher, encharcando os que nela se encorporaram. Não devia ter saído, mas...

As bengalas

—o—

Volta a ser moda o uso do pausinho na mão, estalando, por isso, de parabéns os bengaleiros.

Quanto aos chapeleiros, êsses, esperam que surjam melhores cabeças...

Espectáculo

—x—

No dia 3 de Março, quarta-feira da *Mi-carême* sôbe de novo à cêna *O cacarejar da galinha* em benefício da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários.

Os bilhetes já se encontram à venda.

BENEFICENCIA

—o—

O Grupo Cénico do Club dos Galitos, que últimamente representou a revista *Ao cantar do Galo*, fez já a distribuïção de perto de oito contos de donativos, assim descriminados:

Espectáculo de 23 de dezembro da ano findo, produto líquido distribuido pelos pobres (de colaboração com o Teatro)........	3.832$15
Importância oferecida à Associação H. dos Bombeiros Voluntários..............	500$00
Espectáculo de 17 de Fevereiro a favor das famílias pobres, vítimas das últimas inundações........	3.475$00
Total	7.807$15

E ESTA?

—:—

Corre na imprensa a notícia que o priôr duma igreja anglicana, em Londres, se esforça por conseguir para as mulheres casadas uma noite, pelo menos, de saída em cada semana sem darem satisfações aos maridos. Isto, claro, para estabelecer a igualdade de direitos, visto que tudo o mais deve ser coisa de pouca monta...

São raros os bons pastôres de almas, mas ainda aparecem...

E então na Inglaterra...

Feira de Março

Foi posto a correr, sendo propalado com insistência, que em virtude da modificação introduzida na Feira de Março as entradas no recinto serão pagas.

Estâmos autorisados por quem de direito a desmentir categòricamente êsse boato por falta de consistência e razão de ser.

O Cúmulo do Humanitarismo

—x—

Enquanto os comunizantes da Europa ocidental defendem a bizarra doutrina da irresponsabilidade criminal, os comunistas da Rússia procedem conforme Dorgelès escreve no *Intransigeant*:

«Custa a crêr que homens com pele branca possam aplicar, sem estremecer, essa lei monstruosa dos refens que até desapareceu do Direito chinês. No Estado do proletariado que alguns nos apresentam como modêlo, os pais do militar que deserta são punidos «com a privação da liberdade num praso de cinco a dez anos e com a confiscação de todos os seus bens». O único crime é não terem denunciado, vendido o seu filho. Quanto aos menores da família—o irmão mais novo ou a irmã—são deportados (Art.º 58 I. C.) para as regiões da Sibéria, durante cinco anos».

É esta miséria degradante que os comunistas apresentam como um modêlo ao mundo!

A verdadeira República

Há trinta anos, como eu, então em plena juventude, tantos outros batalharam pelo triunfo do Ideal. O certo é que em 1910 o advento da Rèpública era coisa necessária pelo convencimento em que estava a maioria activa da Nação nos benefícios do novo regimen.

Depois da tentativa de Franco para depurar o ambiente político nada havia a esperar dos partidos monárquicos que se tinham desviado dos interesses da Nação para cuidarem apenas das suas clientelas.

O que se reclamava com a Rèpública? Honestidade na administração, primasia dos interêsses gerais sôbre os particulares, engrandecimento da terra pelo melhor e mais racional aproveitamento das suas riquezas, prestigio de Portugal, que estava sendo motivo de troça nos países civilizados.

Foi nêste ambiente de esperanças e ilusões que venceu o movimento popular de cinco de Outubro.

Ai de nós!

Como essas esperanças vieram a ser dentro de pouco tempo desmentidas!

Reconhece-se hoje, pela experiência de quinze anos e pela da Espanha, mais curta do que a nossa, mas mais fertil em acontecimentos, que a palavra Rèpública, em si mesma, não traz remédio que valha o menor sacrifício humano. Na verdade, os males do individualismo, do partidarismo e do parlamento, pelo contrário, antes de afrouxarem são exacerbados pela ideia republicana com manifesto prejuízo da colectividade. Mas, há vinte e seis anos, nenhum de nós podia indicar o remédio para o mal, remédio que só hoje aparece nítido perante os nossos olhos.

Como quere que seja, com o advento da Rèpública agravaram-se os vícios da nossa administração. Nunca, como nos primeiros quinze anos de regime novo, se descurou com o maior menospreso o interêsse público; nunca as clientelas dos partidos foram mais vorazes; nunca o parlamento foi mais turbulento e incapaz de realizar; nunca a intolerância e o despotismo foram mais longe.

Vimos elevarem-se aos altos cargos do comando do Estado indivíduos que não tinham a recomendá-los outra coisa que não fôsse a sua actividade revolucionária.

Porque então esteve de moda a posse do Poder pelos meios violentos. As revoluções, que nada revolucionavam nos costumes políticos, nas directrizes administrativas, na organica do Estado, fôram uma endemia nacional. Entretanto, a nossa situação financeira peorava; engrossava a divida pública e desaparecia o crédito; agravavam-se as condições de vida. Tudo era pouco para o desperdicio dos partidos. Nada menos de 5.500 funcionários novos pesavam no orçamento. A prègada soberania popular tornou-se uma irrisão. Durante anos seguidos não houve orçamentos, a-pesar do parlamento funcionar durante dez meses em cada ano. Uma miséria! Uma vergonha!

E' ao Exército, com o seu movimento triunfante de 28 de Maio, que devemos o inicio da Era Nova. Mas a Rèpública, a verdadeira Rèpública, aquela que estava em todos os corações bem formados e espiritos patrióticos em 1910, essa fê-la Salazar com os seus actos de sábia administração, com as suas ideias e as suas leis.

Portugal ressurge. Dum ao outro extremo do Pais remoça a vida nacional.

E assim se vem firmando o nosso prestigio internacional.

Lá fóra, Portugal constituiu um exemplo que muitos estudam com paixão e aplaudem com simpatia.

Agora, sim: temos uma verdadeira Rèpública segura dos seus destinos.

A. N.

O bacalhau

—o—

Pelo Govêrno acaba de ser publicado um decreto que reduz temporàriamente os direitos pautais sôbre a importação do *fiel amigo*.

Oxalá que em vista da resolução tomada o possâmos adquirir, não a pataco, mas mais baratinho.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o nosso amigo Agostinho dos Santos Jorge, professor oficial na Oliveirinha e o menino José Ricardo Maia dos Reis, filho do industrial sr. José dos Reis; àmanhã, a galante Maria de Lourdes, filhinha do sr. dr. Vitorino Simões Cardoso, tenente-médico de Infantaria 19 e o sr. Eduardo Coelho da Silva; no dia 2 de Março, os srs. Humberto Trindade, da firma Trindade, Filhos *e sorgento-ojudante João António Salgado, sub-chefe da Banda Regimental e o menino Fernando, filho do sr. Manuel Seabra de Azevedo, activo comerciante em Sá da Bandeira (África Ocidental); em 3, o sr. Serafim de Oliveira, 2.º sargento de Infantaria 19 e o académico Henrique Ramos Guimarães, filho do sr. Manuel José da Costa Guimarães, e em 4, a menina Cedalina Diniz e os srs. Albano H. Pereira, da firma* Ferreira, Pereira & C.ª; *Francisco Moreira, aspirante de Finanças; dr. Ernesto Nunes Vidal, médico no Porto e José dos Santos Jorge, guarda-livros na mesma cidade.*

Casamentos

Pelo sr. tenente Artur Ferreira, de Cavalaria 8, foi pedida para o sr. Francisco Pires Duarte, 2.º sargento do mesmo regimento, a sr.ª D. Rosa Cadête, manipuladora dos Correios e Telégrafos.

O enlace efectuar-se-há no fim do corrente ano.

Partidas e Chegadas

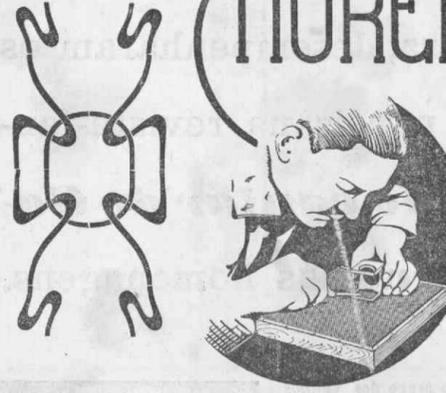
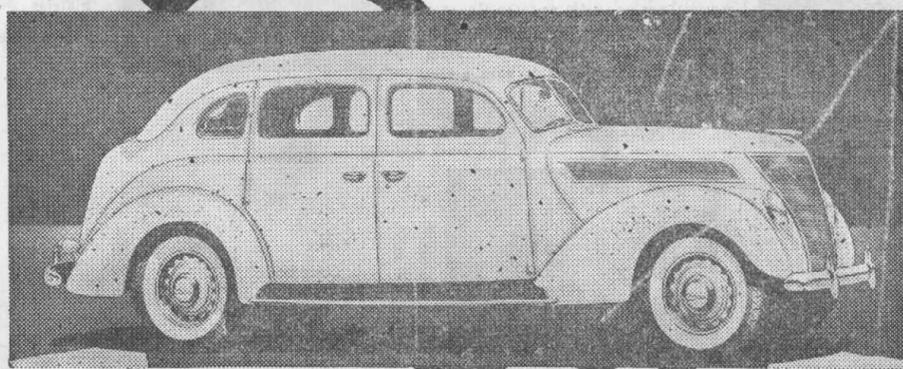
Com destino ao Rio de Janeiro (E U. do Brasil), onde exerce a sua actividade, deve embarcar na próxima semana o sr. Francisco da Silva Castro, que á sua casa de Esgueira veio passar uma temporada.

Desejâmos-lhe feliz viagem.

—Com sua esposa e mãi esteve, domingo, nesta cidade o sr. António Augusto Martins, empregado na Vacuum Oil Company *em Coimbra.*

—Também aqui cumprimentámos, na terça-feira, o nosso amigo dr. António Vicente, considerado clinico do Troviscal.

—Regressou de Mafra onde obteve honrosa classificação no curso de Metralhadoras Ligeiras, que ali freqüentou, o sr. tenente Joaquim de Matos, de Infantaria 19.

—De passagem para Coimbra onde foi colocado, esteve ante-ontem em Aveiro o sr. Justiniano Macêdo, empregado nos Serviços Pecuários.

TEATRO

Maria José Couceiro
(Polícia de Turismo)

Deolinda Borrego
(Murtoseira)

Sofia Costa
(Engraxador)

Maria da Apresentação Gamelas
(CITA)

Todos os clichés das principais figuras da revista que entram nesta página fôram executados na *Foto-Moderna*, de João Ramos — Rua Coimbra, Aveiro.

A's raparigas do Grupo Cénico do Club dos Galitos que, com tanta graça, vivacidade, inteligência e desenvoltura, desempenharam os seus papeis na revista-fantasia *Ao cantar do Galo*, as nossas homenagens.

Maria do Amparo Matos
(Ovos Moles)

Lourdes Teles
(Borboleta)

Aurea Ferreira
(Leiteira)

Sabiamos que o grupo dos *Galitos* de Aveiro tinha fama e tradições. Mas muito longe de nós a ideia de que fôsse possível apresentar-se um conjunto de tal modo homogéneo e perfeito que, em determinados momentos, tivemos a ilusão de estar assistindo a um espectáculo realizado por profissionais, por *autênticos profissionais*, para quem o palco não tem segrêdos e a arte é dom natural, patenteado sem *habilidades* que o diminuam, duma maneira eloqüente, que sabe falar alto à nossa sensibilidade.

Destacaremos, de início, o friso gentilíssimo de raparigas que fazem parte do conjunto.

Distintas na sua modéstia de tricanas, sabendo dizer e sabendo cativar pela naturalidade com que se apresentam, as componentes do grupo dos *Galitos*, desde as figuras que tiveram trabalhos de maior responsabilidade, até às simples coristas, foram duma justeza e duma perfeição verdadeiramente notáveis, dando-nos a ideia nítida dos milagres que é possível realizarem-se neste particular, quando sabem aproveitar-se convenientemente as vocações e quando uma mão firme e disciplinadora consegue impôr o seu domínio.

(Da *Gazeta de Coimbra*)

Otília de Lemos
(Salineira)

Deolinda Borrêgo e Salomé Borrêgo
(Modernistas)

Maria Ávia Ferreira
(Feira Nova)

E' fácil dizer de um espectáculo de altos e baixos, de números bons e falhados, onde há apenas que registar um ou outro ponto—para bem, ou para mal...

Agora numa revista, escrita, musicada, desempenhada e ensaiada por amadores, na qual se podia riscar a palavra *amadores* sem deslustre de profissionais, é difícil fazer citações.

O *Grupo Cénico do Club dos Galitos* de Aveiro é um grupo homogéneo e equilibrado em todos os conjuntos.

Nada destôa: nem a alegria, nem a vida que lhe emprestam os seus interpretes; nem a elegância, nem o à vontade que todos, à una, disfrutam no palco.

Mocidade buliçosa, raparigas lindas e alegres, deve constituír para Aveiro um legítimo orgulho, possuír quem, com tal galhardia, leve aos quatro cantinhos da terra portuguesa, numa bela manifestação de arte e beleza, os encantos daquela linda cidade.

(Do *Diário de Coimbra*)

Ovos mol's são maravilha
de seduzir tôda a gente;
é manjar que sempre brilha (bis)
um delicado presente.

A *première* da grande revista *Ao cantar do Galo* estava marcada para as nove e meia da noite, do dia 13, dêste junho ventoso, no Teatro Aveirense.

Casa cheia, à cunha,

Luz. Flores. Ansiedade. E às nove e três quartos, precisamente, para não quebrar o velho hábito português (quinze minutos de tolerância) subiu o pano.

Ora, as tricanas de Aveiro têm, por mundos àlém, fama de lindas. E são lindas mesmo. Mas ali, nos diversos números da revista, raparigas tôdas novas, cambiantes de luzes, polocromía de côres, bailados de olhos e ritmos de corpos—as suas silhuêtas no tablado deixaram de parecer vulgaridades mortais, por que mais se assemelhavam a anjos querubins em festa no azul transtúcido do olimpo. E anjos deviam ser naquela noite de gala para a terra aveirense.

(Da *Independência de Agueda*)

Orquídia Dália Flores
(Cigana)

Ao cantar do Galo é qualquer coisa de muito apreciável, indubitávelmente superior a tantos e tantos *embróglios* teatrais do género exibidos em Lisboa e Porto, que não sabemos por que *malas-artes* se manteem meses seguidos no cartaz!...

Escrito sem a mais leve sombra de pornografia e em português correcto *Ao cantar do Galo* contribui para o levantamento do teatro nacionol nesta hora em que nos preocupa, sôbretudo, o tema da educação.

E' digno de ser visto por tôdas as plateias do país o belo trabalho dos nossos amigos e vizinhos.

(De *O Ilhavense*, de Ilhavo)

Maria Augusta Amaral
(Tiro ao Alvo)

Maria da Apresentação Limas
(Espumante)

. . . .

Ao Cantar do Galo foi um espectáculo que a todos agradou, pela sua urdidura, pelo impecável desempenho de todos os seus valiosos personagens, pelo riquíssimo guarda roupa que tem, marcações, córos, cenários e músicas; enfim, tudo ali se nos apresentou com invulgar correcção, fazendo-nos esquecer, por vezes, que estavamos em presença de amadores...

Um interessante grupo de raparigas de Aveiro — donairosas como são tôdas as filhas da linda cidade do Vouga — e uma importante selecção de rapazes que honra os *Galitos*, formam um elenco que prestígia sobremaneira o club e a cidade a que pertencem.

(De *O Despertar*, de Coimbra)

Carolina de Lemos
(Malmequeres)

JOSÉ MEIRELES
Autor da revista

ANTÓNIO FLAMENGO
Ensaiador

FRAZERES RODRIGUES
Director da orquestra

ANTÓNIO DA C. FERREIRA
Director do Grupo

JOÃO F. MACEDO
Director do Grupo

Aveiro sob a activa influência camarária do Dr. Lourenço Peixinho

1918 A 1937

Foi em 2 de Janeiro de 1918 que o nosso ilustre conterrâneo, dr. Lourenço Simões Peixinho, sobraçando o diploma de vereador da Câmara Municipal de Aveiro ali deu entrada e na cadeira da presidência se sentou por unânime deliberação dos seus colegas eleitos pelo concelho. Há portanto, 19 anos que Lourenço Peixinho, por felicidade nossa, se encontra à frente da municipalidade aveirense, à qual, como ninguém — e vamos demonstrá-lo — tem prestado os mais assinalados e importantes serviços.

Começaremos pela sua primeira proposta na sessão da posse, proposta que o *Democrata*, então, reproduziu, juntando o seu apoio ao de tôda a vereação.

Dizia assim, depois de vários considerandos justificativos :

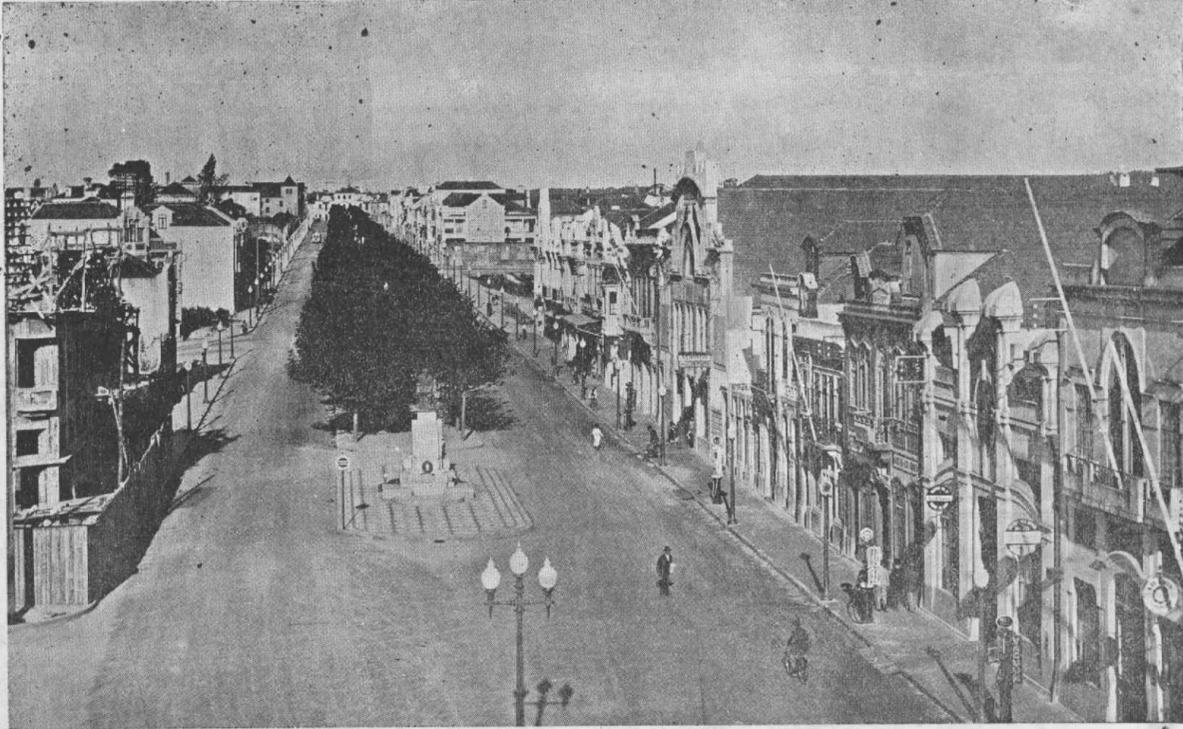
Que se abrisse uma avenida de 30 metros de largura a partir da estação do caminho de ferro e de modo a terminar em frente à dóca do Côjo, contraindo-se para êsse fim um empréstimo de 100 contos; que se abrisse concurso para o fornecimento de energia eléctrica destinada à iluminação da cidade por meio dela e que se iniciassem estudos para a captação de água potável para ser distribuida pelos domicílios e sem o que não poderá haver esgôtos em condições.

AVENIDA DR. LOURENÇO PEIXINHO

São passados 19 anos e como o dr. Lourenço Peixinho se tem desempenhado da missão que lhe confiaram, vê-se.

A avenida aí está na sua grandiosidade a fazer honra à terra e ao homem que mais concorreu para a sua construção, vencendo dificuldades, obstáculos, as mil e uma coisas que surgem e envolvem tôdas as obras da natureza daquela a que nos estamos referindo. Em parte nenhuma da província existe outra que se lhe iguale ou, sequer, se assemelhe à nossa Avenida.

Com um quilómetro de comprimento; já com muitos prédios, alguns magnificos, de excelente aspecto, a embelesá-la, a *Avenida Dr. Lourenço Peixinho,* como, por gratidão se deve chamar e de direito há-de, um dia, designar-se oficialmente, possue, ao centro, o indispensável arvoredo cuidadòsamente educado ; uma fila de bancos para descauso e recreio dos passeantes; dos lados, excelentes candieiros modernos, pujantes nas suas linhas, que, à noite, enchem de luz a magestosa artéria citadina, tornando-a atraente, movimentada, a mais preferida entre todas as outras, e ainda, para realce, o monumento aos mortos da Grande Guerra que, ficando numa das extremidades, a de cá, se casa perfeitamente com a iniciativa da Câmara, donde também saíu.

Deve ser a *Avenida Dr. Lourenço Peixinho,* no futuro, a parte mais comercial de Aveiro dado o número de estabelecimentos já nela instalados, todos à altura do local que, com êles, muito tem lucrado. E não admira que assim seja, que assim aconteça. Porque do resultado a tirar do importantíssimo melhoramento, que tanto veio engrandecer a nossa terra, só isso lhe podia dar valor.

Mas não é tudo a *Avenida Dr. Lourenço Peixinho* a-pesar do conjunto de circunstâncias que concorrem para ocupar o primeiro lugar entre as demais obras que tencionâmos enumerar. E o Parque? Não será igualmente digno de ser trazido, a seguir à Avenida, para a relação das grandes iniciativas, das iniciativas de vulto ? Incontestàvelmente. Depois da Avenida o Parque tem de ser citado também com louvôr para o Município porque, não sendo a cidade rica de monumentos, veio ao encontro das aspirações de quantos pretendem que alguma coisa se faça para mostrar aos turistas, àlém daquilo com que a natureza a dotou : os encantos da sua ria, a suavidade do seu clima e a beleza das suas mulheres.

MONUMENTO AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA

Mandado construir pela Câmara Municipal de Aveiro e inaugurado em 27 de Abril de 1934

O Parque é, pois, outro motivo para nos considerarmos desvanecidos pelo que em si reüne de atraente, de admirável, de gracioso, de aliciante.

Tem um lago onde navegam barcos recreativos de diferentes modêlos e tamanhos. Sôbre êle, a ligar, pelo meio, as duas margens, uma ponte elegante de cimento armado. E dentro dêle tôdas as modalidades, hoje em voga, do desporto — um *court* de ténnis, *ring* de patinagem, um vastíssimo campo de *foot-ball,* como outro não existe em parte alguma da província, e por último o de *basket-ball.*

Procurem, procurem por êsse país fóra e quando acharem melhor ou mesmo alguma coisa parecida com o que cá temos, digamnos...

Não é forçar a nota : mas o Parque Municipal, tendo transformado, por completo, uma parte dos campos da Senhora da Ajuda, deu à cidade uma sala de visitas que ela não tinha — perfumada, florida, alegre, cheia de mil encantos. E deve-se isso ao sr. dr. Lourenço Peixinho, que, não se importando com o coaxar das rãs, se pode rever na sua obra para todos os efeitos digna dum homem superior.

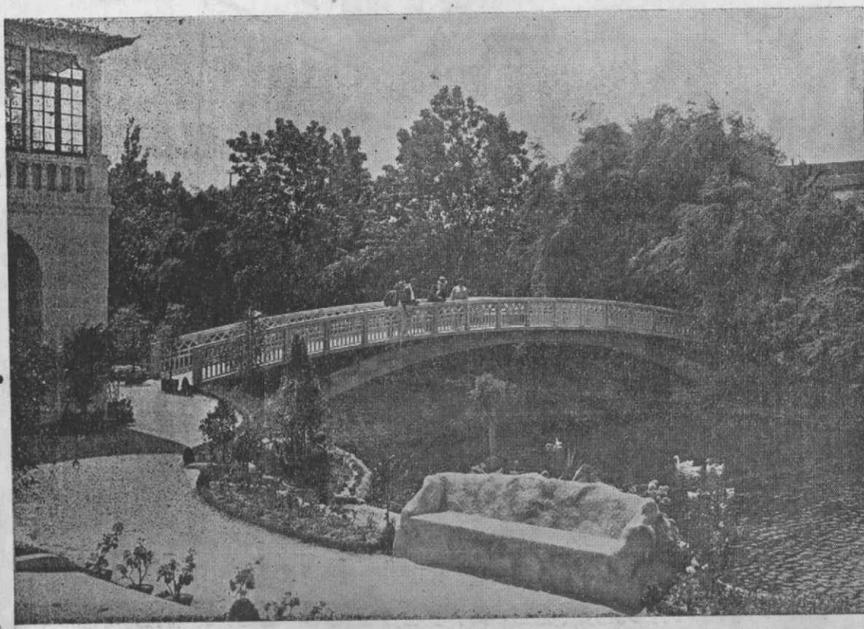
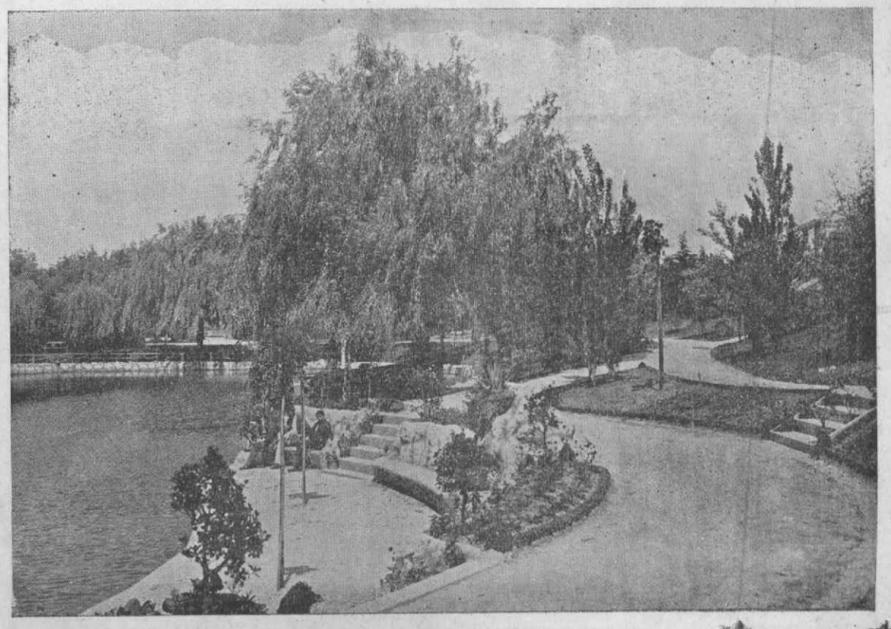
Que lindo é tudo no Parque!

A começar pela escadaria que liga ao antigo Passeio Público e passando em revista a gruta, o Pavilhão de festas com a sua bibliotecasinha anexa e a varanda donde se disfruta o lago em tôda a sua extensão; os cisnes a percorre-lo nas diversas direcções ; as cascatas, os canteiros, os lugares de repouso, o arvoredo — que lindo é tudo no nosso Parque!

Mas ainda não são só a Avenida e o Parque que nós devemos à Câmara da presidência do sr. dr. Lourenço Peixinho. Devemos-lhe mais, muito mais. Devemos-lhe, também, a transformação exterior dos Paços do Conceiho com o alargamento da rua que lhe passa em frente e do alto da antiga Costeira; devemos-lhe o abastecimento de água por meio de marcos fontenários, visto não ter sido possível, a-pezar dos esforços empregados, levá-la aos domicílios ; devemos-lhe o serviço de regas, no verão, em carro automóvel ; devemos-lhe a electricidade para a iluminação pública e particular e ainda para tudo quanto possa ser accionado por ela; devemos-lhe o elegante corêto do Jardim; devemos-lhe a Biblioteca Municipal; devemos-lhe os lavadouros de S. Roque; devemos-lhe o aformoseamento das Praças da Rèpública e do Marquês de Pombal; devemos-lhe o alargamento de Entre-Pontes, da Praça do Comércio e a demolição do cotovêlo do cais, junto à Capitania; devemos-lhe inumeros benefícios prestados à instrução; devemos-lhe a recente terreplanagem do Rossio para uma nova Feira de Março, que vai surgir sob os melhores auspícios ; devemos-lhe — que sabemos nós ? — tanto, tanto que não existem palavras de reconhecimento capazes de liquidar a dívida de gratidão duma cidade inteira renovada em dezanove anos de actividade camarária e de dispendio de energia física e intelectual; dezanove anos que não são dezanove dias, nem dezanove semanas, nem dezanove meses gastos em pról da coisa pública, do interêsse comum, de nós todos, aveirenses!

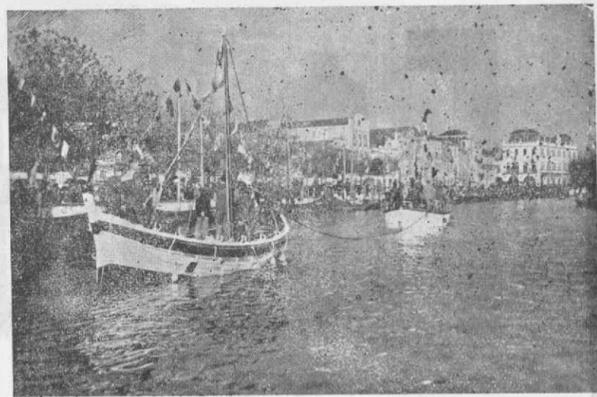
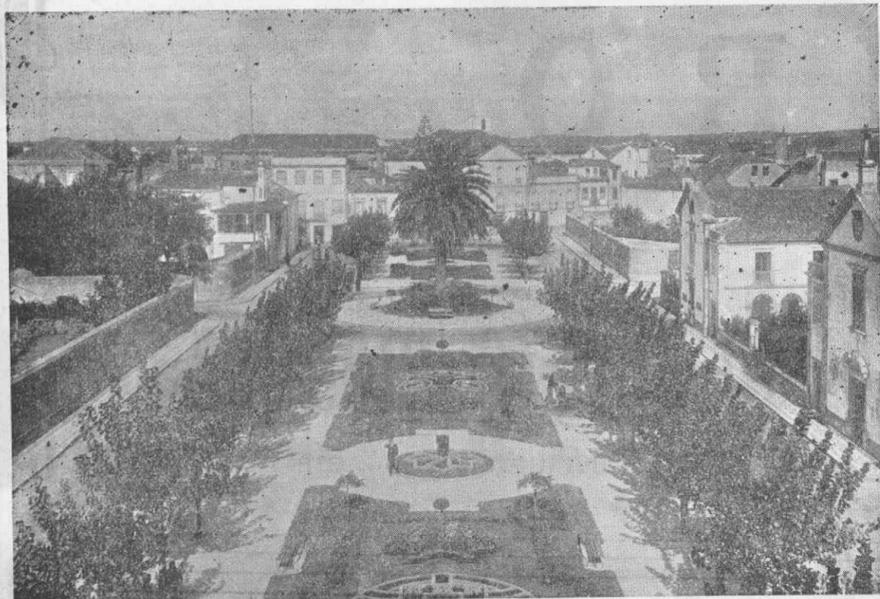
O sr. Presidente da Rèpública agraciou em 1933 o dr. Lourenço Peixinho com a comenda da Ordem Militar de Cristo destinada a premiar os serviços prestados ao país. Foi um acto de justiça, mas não é tudo quanto merece essa prestigiosa figura da nossa terra se se atender aos dissabores provenientes do desempenho da sua espinhosa missão, a maior parte dos quais com origem na maledicencia, na iniquidade, na perversão moral de certos indivíduos.

Depois o dr. Lourenço Peixinho não tem sido, apenas, um activo e zeloso presidente do município. E o que nós lhe devemos como provedor da Santa Casa da Misericórdia, cargo que honradamente também desempenha desde 16 de Julho de 1915, há, portanto, 22 anos, com diferença de meses? Chamamos a atenção do leitor para a página em que se faz referência a essa modelar casa de beneficência onde o doente que ali se alberga, rico ou pobre, encontra, àlém doutros, o confôrto do asseio, da limpeza e da higiéne.

Concluindo : Aveiro só se deve orgulhar de ter sido bêrço e possuir dentro dos seus muros uma notabilidade como a do dr. Lourenço Peixinho. Que estas linhas de justiça o animem a prosseguir na róta traçada e lhe dêem fôrça e aos seus colaboradores, para, desprezando a crítica dos nulos, dos insignificantes, dos ineptos, elevarem, como até aqui, o nome dêste previligiado rincão, que a Natureza dotou com tantas belezas e esmalta com os mais variados motivos de sedução.

VISTA DO PARQUE COM A PONTE SOBRE O LAGO

OUTRO ASPECTO DO PARQUE COM PARTE DO LAGO

Actualidades Gráficas

Um barco moliceiro à vela em plena ria

O dr. Lourenço Feixinho, proferindo o seu discurso por ocasião do lançamento à água do *Salva-vidas Almirante Afreixo*, tendo à direita o major Gaspar Ferreira e à esquerda o patrono do barco

A entrada do *Almirante Afreixo* no canal central da cidade, levando a reboque o velho salva-vidas, seu antecessor

AVEIRO — A Praça Marquês de Pombal, em frente ao Govêrno Civil, depois de ajardinada

AVEIRO

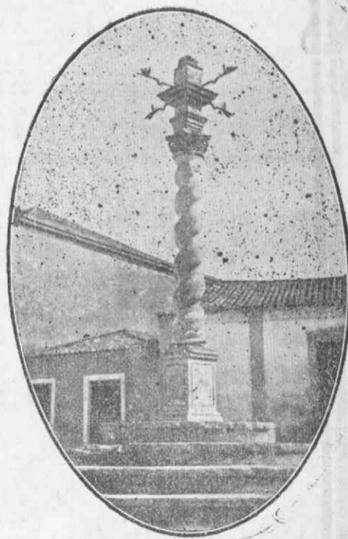
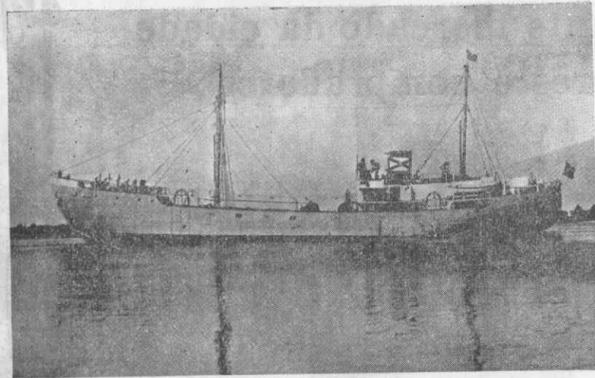
Paìsagem indecisa entre o mar e a terra, que nos enche de vivo prazer e nos atrae como a sombra da manzanilha...

OLIVEIRA MARTINS

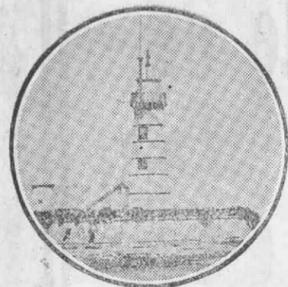
Terra de encanto, paìsagem de maravilha. Nunca os olhos extasiados se fartam de contemplar o famoso país que cinge a cidadesinha clara!

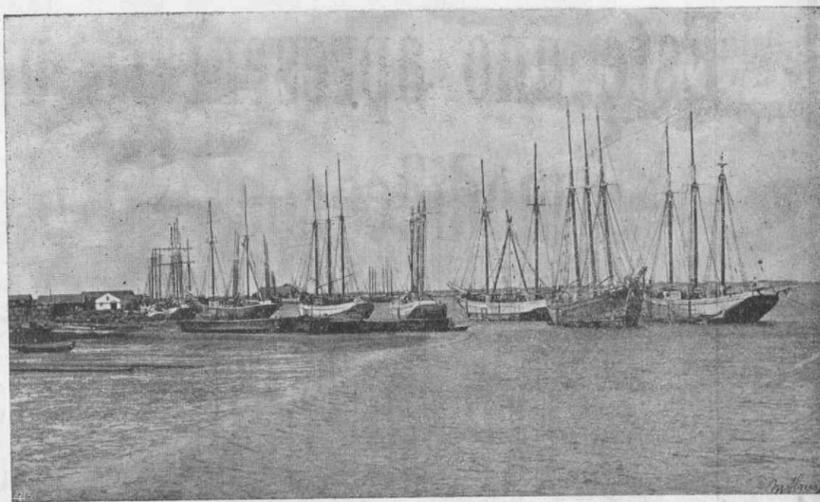
DOMINGOS GUIMARÃES

Esta Aveiro é como uma garça... onde eu nem sei se é terra o que vejo, se ainda é mar ou se é já o céu.

ALBERTO SOUTO

Pelourinho de Esgueira

O primeiro vapor destinado à companha do bacalhau, que a Empresa de Pesca de Aveiro adquiriu e ao qual foi pôsto o nome de *Santa Joana*. Saíu no dia 14 a barra com destino à Terra Nova e Groëlandia

O constrator de navios Manuel Maria Mónica

AVEIRO — A escadaria que do Jardim dá acesso ao Parque

A torre de sinais na Barra

Um grupo de salineiras

AVEIRO — A frota bacalhoeira em frente aos secadouros da Gafanha

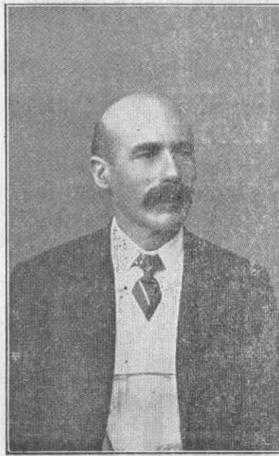
AVEIRO — O Rossio e as ruas do Cais e 5 de Outubro a quando das cheias de Janeiro, vendo-se ao lume de água, que chegou a cobrir algumas esferas das linguetas, os novos candieiros da iluminação

AVEIRO — O terraço do Pavilhão do Parque

O farol da Barra

Amigos falecidos que jàmais esquecem

BERNARDO TORRES

BEJA DA SILVA

J. J. NUNES DA SILVA

DR. MARQUES DA COSTA

HENRIQUE BRITO

Pela solidariedade que nas horas dificeis nos dispensaram, pelo apoio moral, pelo afecto, pelo carinho, pela dedicação com que estiveram sempre ao lado do ***Democrata***—êste preito de homenagem à sua memória, esta lembrança que significa Gratidão.

JOSÉ GONÇALVES GAMELAS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

A SALA DE LEITURA

Aqui está outra excelente iniciativa da Câmara não menos digna do reconhecimento da cidade de Aveiro.

A Biblioteca que se acha instalada junto da igreja da Misericórdia e na antiga casa de despacho onde reüniam os mesários, é também obra sua. Abriu ao público no dia 25 de Maio de 1927 e em 31 de Dezembro de 1936 o número de volumes nela existentes era de 6.820, incluindo 559 que pertencem aos arquivos da Misericórdia, da Câmara, do Museu e da Alfândega. Decorridos oito anos e sete meses veio-nos à lembrança preguntar quantas requisições se registaram durante êsse lapso de tempo e dentro das horas de leitura. Nada menos de 39.197—foi-nos respondido. Por aqui se deve avaliar o quanto foi benéfica e útil a deliberação da Câmara, dotando a cidade com um gabinête, em todo o sentido, à altura dela.

E' director da Biblioteca o sr. dr. Alberto Souto, bibliotecário, o professor Emídio Gomes Pereira Leite e contínuo, José dos Santos Gamelas.

Dizem-nos que se um dia a Escola Industrial e Comercial Fernando Caldeira deixar as dependências que funciona no mesmo edifício, a Biblioteca se alargará, como convém e se torna indispensável. Fazemos votos por que isso aconteça pelos benefícios que daí resultarão para ambas as partes. A Escola Industrial tem uma freqüência grande. E as salas que ocupa são acanhadíssimas como acanhadas são as oficinas onde os rapazes mal se podem mexer e tudo falta no capítulo confôrto e higiéne.

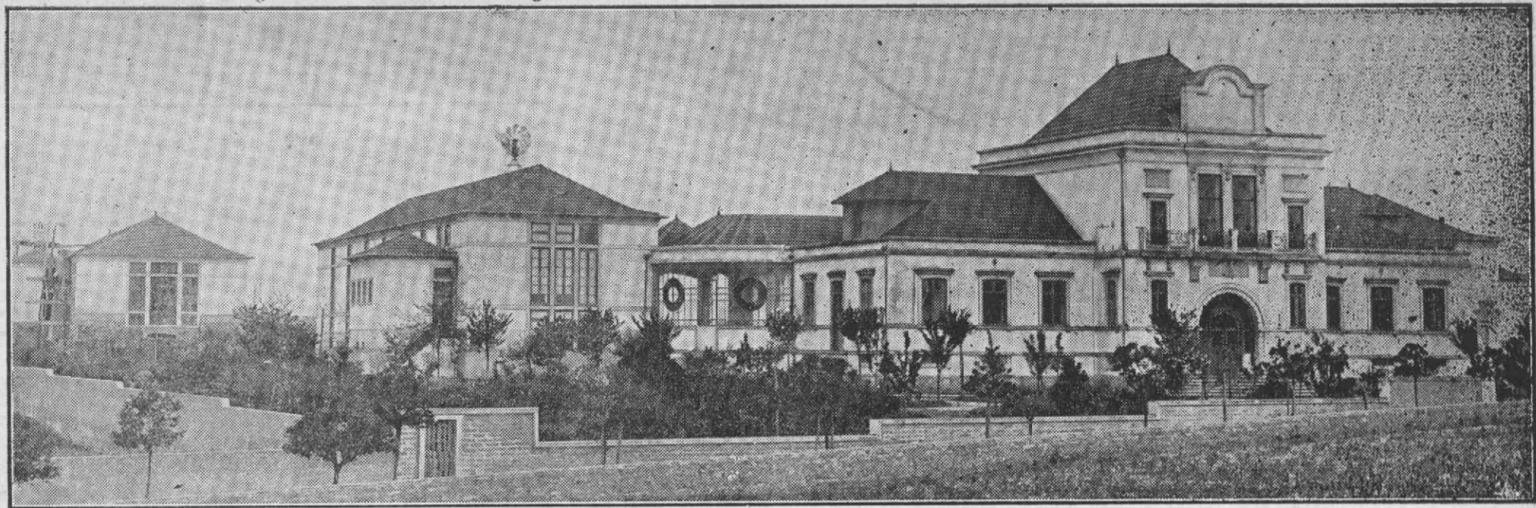
Por várias vezes têm vindo a Aveiro entidades com o desejo de conhecer e se inteirarem das necessidades da Escola. Mas o que é certo é que ainda até hoje ninguém se decidiu a providenciar de modo a modificar as condições da sua existência, dando-lhe o que carece, dotando-a com o que é preciso e de harmonia com a alta função que desempenha no aproveitamento de vocações artísticas.

E isso, não sendo tudo, é bastante, é alguma coisa.

Depoimento

=o=

Feliz daquêle que, ao cair nas garras da doença, encontra à sua volta um ambiente de carinho, de solicitude, de enternecida graça empenhada em fazer-lhe esquecer a tortura física, que lhe põe à prova a resistência moral. E nêste hospital, a par dos cuidados que a ciência e o progresso facultam por meio dos mais modernos processos de tratamento; a par de modelares instalações clinicas e cirúrgicas e da mais rigorosa higiene, há tanto confôrto, tanta graciosidade estética, tanta alegria rindo nas flôres e na luz que o embelezam, que a dôr deve esbater-se, em enternecida gratidão, no peito de todos os que aqui entrarem um dia a pedir a cura do corpo enfermo.

HELENA DE ARAGÃO

EDIFÍCIO DO HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE AVEIRO

É, sem dúvida, um estabelecimento montado com todos os requisitos modernos, tornando-se assim digno de ser apreciado por todas as pessôas e auxiliado por quem de direito, devendo, no futuro, tornar-se um verdadeiro padrão de glória.

SIMÕES PEREIRA
Jornalista

UMA ENFERMARIA

Apesar dos elogios que sempre ouvi a respeito dêste Hospital modelar, grande foi a minha surpresa ao visitá-lo, pois é, ao contrário do que sempre acontece, melhor do que se imaginava. Sente-se, como realidade evidente, a vontade firme, a competência esclarecida, a inteligência lúcida do homem que a êle preside, auxiliado por um corpo clínico competentíssimo e um pessoal menor sòlidamente educado; tudo isto coroado por um grande amor à profissão e à terra. Esta deve orgulhar-se justamente de possuir uma tão formosa casa de bem fazer, como esta, e dos homens que orientam os seus destinos. Vida longa é o que lhes desejo, para engrandecerem, cada vez mais, a sua obra, já notabilíssima hoje.

A. DA ROCHA BRITO
Professor da Faculdade de Medicina de Coímbra

Na harmonia da vida há duas qualidades que distinguem o homem na nobreza do seu porte: o carinho, o seu trato, a expontaneidade no bem-fazer. Eis o que vim encontrar no grande coração do Director desta casa, Dr. Lourenço Peixinho, meu colega e muito querido amigo. De facto, tão grandioso é o seu escrupulo e o amor que tributa à sua obra, que se vive dentro dêste Hospital respirando o ar inebriante da paz e do sossêgo, da ordem e do respeito. Assim, tudo é expontâneo nêste pessoal tão simples como modesto: a caridade na mais excelsa da sua beleza, o trato nas fórmas gentís como se exibe.

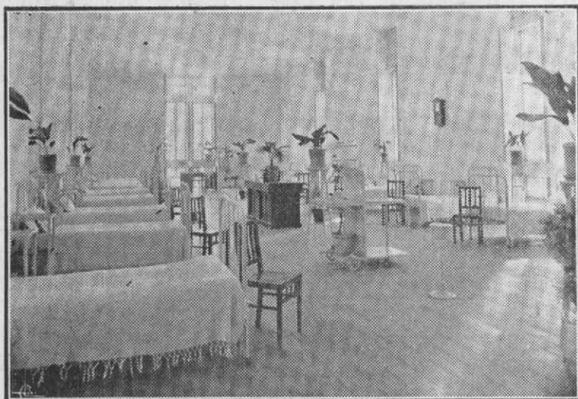
ANGELO DA FONSECA

O Conselho de Inspecção das Misericórdias, depois de oficialmente se ter inteirado da maneira como os serviços dêste modelar Estabelecimento de Caridade estão organisados e administrados, não póde deixar de consignar aqui, para conhecimento de todos, o alto apreço em que leva a inteligente orientação do seu ilustre Provedor, o Dr. Lourenço Simões Peixinho— tão distinta, elevada e carinhosa — que, como padrão das suas excepcionais e grandes qualidades, perpètuará o nome de tão prestimoso e querido filho desta cidade.

Não póde nem deve o Conselho esquecer que tão distinto homem é coadjuvado na sua humanitária obra pelos ilustres Mezários a quem, com devotado louvor, presta, igualmente, a justiça que lhes pertence.

Aos distintos clínicos que, por fórma tão brilhante e desinteressada, vêm exercendo nòbremente a sua missão, a sua admiração pelos seus relevantes serviços. Ao restante pessoal desta modelar Santa Casa, não póde, também, o Conselho deixar de prestar os seus melhores elogios.

O Conselho de Inspecção das Misericórdias,

as) *Luiz Machado Pinto*, Director Geral de Assistência
Francisco de Paulo Borba, Médico e Provedor da Misericórdia de Setúbal
Sebastião Alfredo da Silva, Chefe da Repartição da Misericórdia de Lisboa
Estêvão Palhinha de Brito Fallé, Provedor da Misericórdia de Elvas

Os novos quartanistas de Medicina do Pôrto acham êste estabelecimento hospitalar um modêlo no género. 17-5-936.

S. Gonçalinho

=o=

A Comissão que este ano promoveu os festejos ao *Santo casamenteiro das velhas*, composta dos srs. João Luís de Rezende Júnior, Elviro da Graça, Francisco dos Passos Cruz, Francisco da Cruz Ventura, João dos Santos Gamelas, Manuel de Melo Alvim, Eduardo da Cruz Novo, António Henriques, João da Julia, João da Rosa Lima e Elias dos Reis Cavaco deliberou mandar resar no próximo sábado, pelas 8 horas, uma missa por alma dos aveirenses falecidos na América; distribuir um bodo a 200 pobres das duas frèguesias e resolveu também destinar certa importância para obras que a capela careça.

Os comissionados aproveitam o ensejo para agradecer a quantos concorreram para o brilhantismo das mesmas festas.

Agua fervida fica cara e sabe mal. Bebei só a de **LUSO**.

Aniversários lutuosos

Na forma do costume e para comemorar os aniversários das mortes de Francisco António de Moura e Sertório Afonso, fundadores do antigo Centro Escolar Republicano, recebemos do conceituado droguista do Porto, sr. José Ferreira Pinto Júnior, a quantia de 15$00 para os nossos pobres, o que, reconhecidos, agradecemos.

"Matinée,,

O *Esperança Atlético Club* realiza àmanhã de tarde a sua primeira festa para a qual nos distinguiu com um convite.

Agradecemos.

Teatro Aveirense

A companhia italiana de operêta Nino Fleurville representou na quinta feira no nosso teatro, com casa cheia, *A Viuva Alegre* e ontem o *Conde de Luxemburgo*.

Bom desempenho e nutridos aplausos.

Faqueiro

Vende-se um complètamente novo, composto de 36 peças só pelo pêso (2.320 gr.) por 1.160$00.
Tratar com Souto Ratola—AVEIRO.

Para um bom chá empregue **Agua de Luso.**

Este numero de "O Democrata" tem 24 páginas e custa 1 escudo.

Aveiro e o desporto

Explicação—Clubs do passado e do presente—Dirigentes de ontem e de hoje—Campos de jogos—As diversas modalidades

Explicação

Um balanço ao desporto aveirense? Evidentemente que não. Faltar-nos-iam, neste momento, os elementos necessários para que saísse certinho, para que saísse como qualquer balanço deve sair—absolutamente exacto.

Assim, esta página que *O Democrata* oferece aos desportistas aveirenses não é mais do que um *bouquet* de notas, de algumas evocações, de uma ou outra saudade. Ressalvadas ficam, pois, as muitas faltas que os nossos leitores possam achar, e que um dia, mais tarde, possivelmente se remediarão.

Clubs do passado e do presente...

A ampulheta do tempo é inexorável. Na estrada da vida, onde há mais abrolhos do que rosas, teem caído alguns clubs de páginas iluminadas por feitos notáveis para os aveirenses. Mais humildes uns do que outros, todos, no entanto, merecem ser lembrados com saüdade. *Grémio Aveirense, Ginásio Club Aveirense, Sport Club Aveirense, Estrêla Foot-Ball Club, Onze Negro, A'guia Sport Club, Atlético Club Aveirense.*

Com saüdade cumpre-nos evocar também os homens que tão bem souberam defender as côres do *Club Mário Duarte* e da *Sociedade Recreio Artístico*, agremiações que, felizmente, ainda existem, mas que, por circunstâncias várias, abandonaram as lides desportivas.

E ficamos diante dos actuais, do *Internacional Atlético Club*, cheio de mocidades, e, por êsse mesmo facto, transbordante de esperanças; do *Club dos Galitos*, com páginas brilhantíssimas no passado; do *Sport Club Beira Mar*, baluarte da natação que os portugueses todos conhecem; do *Hokey Club de Aveiro*, quási tam bom como os melhores nacionais da especialidade; do *Vasco da Gama*, grupo modesto, mas persistente, correcto e simpático; do Liceu de José Estêvão, alfobre de basketistas, que tem sido quási, sem intermitências, o melhor no desporto da bola ao cesto...

...e dirigentes de ontem e de hoje

Gostariamos, sob esta rúbrica, de enumerar todos aquêles que bem serviram Aveiro, servindo os seus clubs. Nada pode haver mais grato ao espírito do que fazer justíça, mas faltam-nos, para tal, os elementos essenciais. Omissões que haja, são, portanto, involuntárias. Para os esquecidos vai, agora, afirmemo-lo, a nossa homenagem, na certeza de que um dia mais tarde os seus nomes serão recordados.

Primeiro entre os primeiros, Mário Duarte (Pai), glória do desporto nacional, o desportista mais conhecido do seu tempo, aquele que mais contribuiu para a difusão do desporto em Aveiro.

A figura de Mário Duarte (Pai), de tão grande, não cabe num elogio vulgar de jornal. Dá um volume... Falando de Mário Duarte, o nome de seus filhos, desportistas também dos mais completos e ilustres do desporto português, não podem ser olvidados. Antes dos outros, porque morreu, porque não sai da nossa lembrança, Carlos Júlio Duarte, o *Caro Júlio*, nadador, atleta, jogador de *foot-ball*, espírito gentilíssimo, são, inultrapassável. Depois, Mário Duarte (Filho), tennista, jogador de *foot-ball*, nadador, atleta, alta figura de dirigente, que tem servido em várias emergências no estrangeiro o nome de Portugal. Finalmente, Francisco Duarte, desportista écletico como os irmãos, ex-recordman nacional do salto à vara, jogador de *foot-ball* em Aveiro e Coimbra, atirador exímio, nadador, tennista e autor dum bom livro sôbre atletismo, livro que todos os atletas aveirenses deviam adquirir... e não adquiriram ainda.

E passemos a outros nomes. Em tempos mais remotos:

Carlos Faria, João Mendonça, Tavares Pinto, Elio Cunha e Augusto Decrook.

Mais recentemente: Capitão Amilcar Gamelas, Pompeu Alvarenga, José Maria da Costa Monteiro, José Meireles, Augusto Varela...

Actualmente: Elias Gamelas, Faancisco Andias, Luiz de Mendonça Corte Real, Américo Picado, António Ferreira, José Ferreira,

MÁRIO DUARTE (pai)

Francisco Gonzalez, Francisco Melo J.or... E outros, outros mais, que agora não nos acodem à lembrança, tão de afogadilho estamos a escrever.

Campos de jogos

Actualmente, Aveiro possui uma série de terrenos deveras apreciável, capaz de fazer inveja a muitas terras, a terras mais importantes do que a nossa. O Campo de *tennis* é esplêndido para o jogo e encantador à vista, como deve ser um campo de *tennis*, o desporto elegante por excelência. O *basket* possui um terreno de piso óptimo e é suficientemente amplo para comportar as grandes assistências. O *rink* de patinagem, sem ser o melhor, satifaz as exigências actuais. Temos, finalmente, o campo de *foot-ball*, com as medidas máximas, e que é parte dum futuro stádium. Àparte o piso, que quando chove muito é francamente mau, e a sua direcção, que não é a melhor, Aveiro pode regosijar-se de possuir um campo como poucas terras possuem.

Com bancadas para o público, o Stádium Municipal ficará ainda mais valorizado. O público espera êsse melhoramento e os clubs, por uma questão de bilheteira, desejam-no ardentemente.

Ao Rossio, ao Cojo, ao Campo de S. Domingos, campos de mau piso e com outros inconvenientes, sucedeu-se uma série de *grounds* bons ou óptimos. O desporto aveirense deve muito do que é hoje ao sr. Dr. Lourenço Peixinho, alma de tôdas estas realizações. Uma terra onde os particulares, àparte uma ou outra excepção, não poderam ou não quizeram arriscar o seu capital em empreendimento de tal natureza, só uma entidade oficial seria capaz de o tentar. Coube essa honra ao sr. Dr. Lourenço Peixinho, que merece de todos os aveirenses—com sinceridade o dizemos—uma imperecível gratidão.

TOBIAS DE LEMOS—Valoroso nadador aveirense

Desportos praticados

Foot-Ball

Desporto-rei, ainda assim, para o vulgo, acudiu-nos ao bico da «Parker»—sem rèclamo—em primeiro lugar. E' claro que a Natação apresentou-se imediatamente. Mas chegou tarde... Não importa, todavia. Para nós e para muitos a natação é o desporto mais caro, mais em concordância com os costumes, com a mesologia, com as aptidões dos aveirenses. Vai em segundo lugar? Que importa, se esta página não obedece, verdadeiramente, a nenhuma escala de valores?

Apenas dois clubs aveirenses possuem hoje *teams* de *foot-ball*: *Galitos* e *Beira-Mar*. E' pouco? E' até muito? Há quem afirme ser pouco, há também quem diga ser até muito. Recordemos, no entanto, que há uma boa dezena de anos existiam mais *équipes*. E não devemos esquecer que se um grande número de grupos traz alguns inconvenientes, da quantidade é que sai a qualidade...

Aveiro já marcou mais nêste desporto do que actualmente. Não imputemos culpas a ninguém neste dia. Basta que as assaquemos a meia dúzia de figuras negras do distrito.

Aveiro debate-se, há tanto tempo já, na mó debaixo—não por ser inferior, não, mas apenas—isso sim—por ser superior, superior a todos! A superioridade dos outros cega os corações invejosos, no *foot-ball* como em tudo.

No presente a técnica superou o entusiásmo, o improviso, a tugosidade. Estes predicados ràramente se mostram agora, êles que, aliados à técnica, obrariam prodígios.

CARLOS JÚLIO DUARTE
(Falecido)

A Natavidade, Melão, Roque, Naia, Palhaço, Picado, Amaro, Figueiredo, Ferreira, Firmino, Henrique, sucederam Maximiano, Pinho, Ruela, Décio, Laranjeira, Amadeu. Belmiro, Loura...

Mais técnica, mais conhecimentos, mais valor. Mas Aveiro, no tempo aureo dos *Galitos*, marcou em absoluto. Os dirigentes eram outros e o mercantilismo ainda não assoberbava o *foot-ball*. E—já passava—a secretaria não era campo de resultados... Hoje ainda há terrinhas onde é preferível ter um bom dirigente a onze bons jogadores!

Oxalá que Deus Nosso Senhor ilumine as razões daqueles que se têm preocupado em torpedear as justas e legítimas aspirações do *foot-ball* aveirense...

Natação

Após o esplendor veio a decadência. E' possível que após a decadência bons ventos soprem de novo. Os dirigentes do *Sport Club Beira-Mar*, já no declinar da época finda, parece que se resolveram a acarinhar esta modalidade. Orgulhamo-nos de haver concorrido para isso, mercê duma campanha em que gastámos muitas colunas, em que fômos, por vezes, severos, mas sempre rectos.

A natação tem dado ao historial desportivo de Aveiro as páginas mais gloriosas. No mundo desportivo português, a cidade de Aveiro é conhecida principalmente pelas façanhas dos seus nadadores. As jornadas de Vigo, alguns campeonatos nacionais, certas festas, ficaram memoráveis.

Uma *èquipe* de tennis, vendo-se ao centro Mário Duarte (filho)

Entre os nadadores que mais se distinguiram contam-se: Tobias de Lemos, Calixto, irmãos Ferreiras, Cipriano, Romão, Agostinho, Joaquim Gonçalves, Lionel, Lino, etc.

Alguns destes ainda mamtem boa forma. Mas os anos passam inexorávelmente e urge que novos, com estofo, sejam aproveitados convenientemente.

Hokey

Em hokey, Aveiro possui, igualmente, cartel. Num dos poucos desportos em que Portugal marca no concêrto europeu, e até do mundo, os Aveirenses ocupam àquem fronteiras um lugar de destaque. É' pena que Lisboa esteja longe, que Aveiro não possa jogar freqüentemente com os lisboêtas. A falta de contacto permanente com boas *équipes* faz-se sentir. Rapazes com habilidade, com valor, não há que fazer distinções entre êles. Em resumo: prestigiam Aveiro.

Atletismo

Na época passada, os rapazes verde-brancos apareceram nòvamente nas pistas. Com o próprio club deu-se uma espécie de ressurreição. Club cheio de mocidades, após um desfalecimento há sempre quem apareça e faça a chamada. Feita a chamada, há sempre, também, quem apareça. Primeiro ano de treinos, não podiam surgir grandes atletas. O meio, por seu lado, também não oferece grande número de recrutas à modalidade. Assim, o melhor de todos foi ainda o *velho* António Lino. Mas é de esperar que certos rapazes que vieram agora para o atletismo se venham a impôr. Têm valor para isso.

Gonzaga—um rapaz que no *Internacional* ultrapassava os 6 metros em cumprimento—e que foi para o Brasil, transpoz já os 7 metros no país irmão. Rogério Morais, outro saltador, foi campeão nacional da Vara. Gil Meireles, que terminou a sua carreira de praticante no *Internacional*, foi dos bons atletas do *Académico*, do Porto. O tenente António Ferreira, irmão do dr. Pedro Augusto Ferreira no mesmo club portuense, alcançou classificações honrosas. Dos filhos de Mario Duarte já falámos.

Desporto dos mais belos, os aveirenses devem contraír o hábito de praticá-lo.

Hand-ball

Modalidade que revive, quási não possui história. O *Internacional*, que o trouxe para Aveiro, faz esforços actualmente para o impôr. Desporto que conta inúmeros adeptos em tôda a parte, talvez não seja difícil levá-lo ao triunfo na cidade. No entanto, como os outros clubs da cidade e da região se mantem alheios, a falta de adversários far-se-há sentir sob diversas formas.

Basket

Florescente a princípio, o *basket*, mercê do desinterêsse de muitos, acabou quási por não se praticar a sério. O basket é uma vítima dos próprios dirigentes. Parece que actualmente se trabalha no sentido de o trazer para o primeiro plano.

Oxalá que sim, pois os aveirenses, depois do Porto e Lisboa, eram dos melhores.

Ventura, Laranjeira, Albano, outro que já nos deixou, etc, marcaram o seu lugar. Modalidade cheia de movimento, simpática, não merecia o abandôno a que foi votada.

Tennis

Verdadeiramente a sério, nunca se fez tennis em Aveiro. O campo é lamentávelmente desaproveitado pelos aveirenses, por aquêles que podiam praticar êste desporto. Mas êsses pouco desporto praticam.

Francisco Castro, Calheiros, Ruela, Pinto Basto, foram dos praticantes mais assíduos e melhores.

Remo

Voltou a ser sulcada por barcos de desporto a nossa ria magnífica, que jàmais devia ter sido esquecida, desaproveitada, para as grandes competições náuticas, para a pratica de uma das mais salutares modalidades da vida ao ar livre. A passos lentos, mas seguros, a Secção do *Club dos Galitos* tem caminhado... Conta actualmente cinco unidades, o que é muito se atendermos a que os barcos custam muito dinheiro. Gente unida, como convém, mas sendo justo destacar dentre todos a figura simpática, por correcta, de Luiz da Naia.

Em suma...

Se não é francamente animador o actual panorama desportivo da cidade, francamente também se pode dizer que não é mau de todo.

Mais do que a falta de quem pratica, nota-se a falta de quem dirija. O remédio estaria na chamada para os postos de comando dos dirigentes retirados. Ao lado dos novos, alguma coisa de bom se alcançaria. Acreditamos, no entanto, que semelhante coisa não é possível...

No estado em que presentemente se acha o desporto local, Aveiro, que era, depois de Lisboa e Porto, o centro desportivo mais importante do país, deixou-se ultrapassar pelo menos por Braga e Coimbra. A cidade universitária e a dos arcebispos são hoje muito superiores a Aveiro no campo desportivo.

Matéria prima a trabalhar não falta. Aptidões a desenvolver e valores a aproveitar abundam, felizmente. Mas como não há bela sem senão, os dirigentes rareiam, existem em pequena quantidade. Todavia haja esperança. Mais: haja fé no àmanhã!

Y.

"Esperança Atlético Club"

É êste o nome de mais uma associação sportiva que acaba de ser fundada nesta cidade, tendo a sua séde na Rua dos Mercadores. Da direcção faz parte um grupo de novos: João Morais, Paulo Moreira, Ricardo Campos, Fernando de Vilhena, Manuel Morais, Domingos Génio, Manuel Pita, Silvério Campos e Fernando Côrte Real que, cheios de entusiasmo, esperam vêr florescer a sua iniciativa.

Oxalá e aqui nos têm para o que lhes pudermos ser útil.

Necrologia

No bairro de Sá deixou de existir na noite de domingo, com 61 anos, o sr. Salvador Ribeiro dos Santos, que há meses se encontrava retido no leito, atacado de diabetes.

O seu funeral realisou-se no dia seguinte para o cemitério central, incorporando-se nêle alguns sargentos do Exercito, Bombeiros Voluntários e outras pessoas das relações dos doridos. Organisaram-se durante o percurso diversos turnos, tendo conduzido a chave da urna o sr. Porfírio Simões Machado.

O extinto deixa viuva e uma filha, a sr.ª D. Argentina Santos Roxo, a quem acompanhamos no seu luto.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, José do Roque, solteiro, de 42 anos, dizimado pela tuberculose; Helena Augusta Plácido, viúva, de 75 e Maria da Trindade, solteira, de 95 e antiga creada de servir; em *Esgueira*, Maria Rosa, de 82 anos e Maria Antunes, de 70, ambas viúvas; em *S. Bernardo*, Francisca de Jesus Miquelina, solteira, de 85 anos e em *Azurva*, Filipe Simões Cravo, casado, de 70 anos, vitimado por uma lesão cardíaca.

Correspondencias

Oliveirinha, 25

O nosso mercado dos 21, esteve no domingo, extraordinàriamente concorrido em virtude do dia se apresentar primaveril. Deu-se, porém, um caso lamentável: uma vaca espantou-se e em vertiginosa correria poz a feira em alvoroço, chegando a ferir várias pessoas. Por fim sempre foi dominada, mas depois de muito trabalho e risco dos que para isso concorreram.

C.

DESPEDIDA

Rosa Gilvaz Magalhães ao partir para o Rio de Janeiro (E. U. do Brazil) e sem tempo de se despedir das pessoas que nesta cidade a distinguiram com a sua amizade, fá-lo por êste meio, oferecendo-lhes os seus préstimos naquela capital.

Aveiro, 19 de Fevereiro de 1937.

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 28 do corrente mez, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e na carta precatória para nomeação de louvados, avaliação de bens e arrematação, vinda da quarta Vara Judicial da comarca do Porto, extraída da execução sumaria comercial em que são exequentes «os Armazens de Cabedais Joaquim Alves Barboza» sociedade anónima de responsabilidade limitada, com séde na Rua Alexandre Braga, numero trinta e oito da cidade do Porto, e executada Filoména Pereira da Silva, viuva, de Esgueira, vai à praça, pela terceira vez, afim de ser entregue a quem maior lanço oferecer, o seguinte prédio:

Metade de trez sétimas partes indivisas de um prédio de casas em mau estado, com aido lavradio e pertenças, na rua da Igreja, do lugar e freguesia de Esgueira.

Pelo presente são citados quaisquer crédores incertos para assistirem à arrematação e uzarem dos seus direitos, bem como os co-proprietários desconhecidos.

Aveiro, 15 de Fevereiro de 1937.

Verifiquei:

O Juiz de Direito
da 2.ª Vara

Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção
da 2.ª Vara

João António de Morais Sarmento

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

No dia 28 do corrente mez, por 11 horas, no armazem de Victor Coelho da Silva, desta cidade, sito na Rua da Corredoura, onde se encontram, e na insolvencia civil em que são requerente o Banco Regional de Aveiro e arguido João Ferreira dos Santos, que foi viuvo, das Quintans, vão pela terceira vez à praça e por qualquer valor, vários móveis que foram arrolados e apreendidos áquele arguido para a massa insolvente e nesse mesmo dia, pelas 12 horas, e à porta do Tribunal Judicial desta comarca, arrematar-se-ão em terceira praça e tambem por qualquer valor os bens e direitos que ao mesmo arguido tambem foram apreendidos e arrolados no referido processo e que já constam das publicações feitas, respectivamente, em 2 e 9 de Janeiro último no jornal *O Democrata*, desta cidade, com excepção do prédio de casas terreas com alpendre, armazem, curral, parreira, pequeno quintal de terra lavradia, pôço, bomba de madeira e demais pertenças e direitos, sita no lugar das Quintans, freguezia da Oliveirinha, que já foi arrematada.

Todas as despezas da praça serão por conta do arrematante e as cisas serão pagas nos termos da lei, e pelo presente são citados quaisquer credores incertos, assim como quaisquer representantes dos foreiros falecidos, cujos nomes se ignora, afim de uzarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 16 de Fevereiro de 1937.

Verifiquei:

O Juiz de Direito
da 2.ª Vara

Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção
da 2.ª Vara

João António de Morais Sarmento